

SURYOYE NR 58

ܟܝܘܗ

SÃO PAULO - FEVEREIRO/2013

NESTA EDIÇÃO:

ORAÇÃO INICIAL	1
HISTÓRIA DA IGREJA	2
CULTURA ORIENTAL - VIII	3
RITUALÍSTICA - VII	5
ORAÇÃO INICIAL - ARAMAICO	6
TEXTO ARAMAICO CULTURA ORIENTAL	7

ORAÇÃO INICIAL**1) Que o batismo me proteja**
(ma`amuditho tesatran)

Que o batismo me proteja
Do incêndio lá,
E suas asas estenda
Sobre a chama
Quando eu passar;
Essa fonte d`água viva
Seja minha companheira
E não permita meu senhor
Que lá eu seja um necessitado
Entre os sedentos.



Igreja de Salah em Tur-Abdin -
Turquia

2) Cristo que se impôs sobre o Reino
(mexiho dexálit a`al malkutho)

Cristo que se impôs sobre o Reino
E sobre o inferno
Livra-nos do inferno
E tenha piedade de nós.

ܟܝܘܗ ܕܝܘܗܝܘܢ ܕܟܝܘܗܝܘܢ ܕܝܘܗܝܘܢ
ܟܝܘܗܝܘܢ ܕܝܘܗܝܘܢ ܕܝܘܗܝܘܢ

INFORMATIVO SURYOYE

Suryoye é um órgão de divulgação interna da Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria.

Layout—Camila Sowmy
Artigos—Peter Sowmy

(kethovo daSlauotho dexavtho xeHimto = livro das orações da semana simples - oração da noite da quinta-feira - Ya`qūb de Serug - século V)

IGREJA SIRIACA ORTODOXA

Na Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria as missas são rezadas em aramaico e português, aos Domingos às 11h00 na Rua Padre Mussa Tuma, 3, bairro Vila Clementino, São Paulo/SP. Padre Gabriel está à disposição para atender os fiéis, telefone (11) 5581-6250.

ESTAMOS NA WEB

WWW.IGREJASIRIANSANTAMARIA.ORG.BR

HISTÓRIA DA IGREJA

(CONTINUAÇÃO DO Nº 57)

A época compreendida entre 361 e 393 d.C. foi um tempo de muita turbulência para a Igreja de Antioquia. Houve eleições pelos bispos porém houve deposições forçadas pelo governo romano que queria de qualquer forma impor sua vontade política ao Patriarcado de Antioquia e com isso dominar o povo. Somente com a habilidade política do Patriarca Flavianos I é que se findaram os cismas.

Após Flavianos I, houve um período de aproximadamente 30 anos em que foi totalmente erradicada do Oriente Próximo, Médio e Ásia Central a filosofia de Arios e nesses 30 anos, Antioquia conseguiu uma certa tranquilidade até mesmo encaminhando bispos para Constantinopla (atualmente conhecida por Istanbul na Turquia) que foram aceitos pelo imperador e pela Igreja Grega Ortodoxa como Patriarcas e sábios para Constantinopla; entre eles foram famosos S. **João Crisóstomo** por sua defesa incansável da verdadeira fé e do outro lado, Nestor que foi declarado herege e excomungado da Igreja por ter declarado a Virgem Maria como mãe de Cristo mas não como mãe de Deus.

Nesse período de 30 anos, foram eleitos Patriarcas de Antioquia os seguintes bispos: Porfírio (**Porfyros**, em aramaico), Alexandre (**Aleksandros**, em aramaico), Teodoto (Teodotos, em aramaico) e João I (**YuHanon qademoio**, em aramaico).

Porfírio foi eleito em 404 e permaneceu responsável pela Igreja de Antioquia até 412. A elite governante não o apreciava e fez diversas acusações falsas sobre sua pessoa a ponto de influenciarem Inocêncio I, papa da Igreja de Roma.

Antes de sua morte, em 412 Porfírio tentou convencer o Papa Teófilo de Alexandria a reunir o clero da África em um concílio para fazer frente à heresia de Paulo de Samosota que ressurgia lá.

Quem nos deixa testemunho de seu caráter benevolente e que influenciou a Igreja de Antioquia foi Teodoro que enviou uma carta a Dióscoro de Alexandria e que chegou até nosso tempo. Nessa carta ele fala do caráter dele: “Porfírio deixou como legado em Antioquia muitas lembranças de sua benevolência e inigualável prudência..... um homem de santa e abençoada memória, ornado tanto com uma vida brilhante quanto com o conhecimento das doutrinas divinas”.

Sucedeu a Porfírio, o bispo Alexandre como Patriarca da Igreja de Antioquia, em 412. Pouco se sabe sobre ele. Nem mesmo sabe-se de qualquer cognome sendo também sua origem desconhecida. Veio a falecer em 417 d.C. Os relatos da época dão conta de que antes de ser ordenado bispo, levava uma vida ascética, em pobreza total, em muita oração e devoção. Entre seus feitos mais notáveis estão a reunificação de todos os grupos dissidentes minoritários da Igreja de Antioquia e, talvez a mais importante para a Igreja Grega de Constantinopla, fez com que a Igreja de Constantinopla revisse o erro cometido contra S. João Crisóstomo que morrera alguns anos antes, no exílio. O Patriarca de Constantinopla arrependeu-se e fez com que o nome de S. João Crisóstomo fosse mencionado em um díptico em todas as missas (tal como é hoje também na Igreja de Antioquia).

Uma observação interessante da época é que a instituição Igreja sempre fora assediada pelos governantes da época para que, através dela, esses tivessem domínio sobre o povo. A Igreja de Antioquia não se deixava levar por essa associação nociva com o poder temporal; mesmo quando os governantes exerciam seu poder com opressão, o Patriarca e bispos que eram expulsos sabiam como pregar com sabedoria e perseverança a verdadeira fé e resolviam o problema enquanto os que se apegavam ao poder temporal acabavam por si sós e seu movimento acabava em vão, retornando os fiéis da verdadeira fé a ensinar e propagar o cristianismo verdadeiro como nos ensinou Jesus Cristo (em aramaico, “verdadeira fé” é o nome da nossa Igreja e dizemos: **trissát xúbho**).

Outra observação é que a Igreja de Antioquia durante muito tempo fora vista como referência para as outras Igrejas pois, apesar dos contratemplos, ainda era de lá que essas Igrejas esperavam um pare-

cer sobre as teorias que surgiam. Assim, desde os primórdios do cristianismo vemos seitas gnósticas que faziam declarações estranhas sobre a Virgem Maria, sobre as três mulheres que choraram por Jesus enquanto ele estava entre os mortos, sobre Maria Madalena e sua relação na Igreja, sobre o nascimento de Jesus, sobre os seres celestiais (anjos, querubins, serafins etc) e muitas outras distorções da história e da verdadeira fé. Por sua firmeza na história, na evolução do paganismo ao cristianismo, na adesão incontestada ao Evangelho, pela pregação da verdadeira fé é que Antioquia era olhada como a chama da fé que iluminava o mundo.

Para saber mais:

Porfírio I : **Porphyrius, Patriarch of Antioch** in *Dictionary of Christian Biography and Literature to the End of the Sixth Century A.D.* – Wace, Henry – Londres, 1911.

Alexandre: **Alexander I of Antioch** in: orthodoxwiki.org/Alexander_I_of_Antioch (acesso em 29 de dezembro de 2012)

CULTURA ORIENTAL – VIII

(CONTINUAÇÃO DO Nº 57)

Calila e Dámena ou *As fábulas de Badpai*

Antes de passarmos para outros estudos de cultura oriental, vamos olhar uma coleção de fábulas vindas da Índia e que entraram na nossa cultura linguística aramaica (ou siríaca). Trata-se das fábulas conhecidas em sânscrito como “**pantcha tantra**” ou “**cinco princípios**”.

Não se sabe ao certo quando apareceram essas fábulas por escrito. Alguns autores pensam que foi por volta de 300 a.C.; talvez tenham sua origem bem antes porém não haviam sido registradas por escrito pois, somente após se tornarem muito conhecidas é que as histórias são registradas de forma definitiva, quando algum mestre as escreve. Essas fábulas, aparentemente foram traduzidas posteriormente ao idioma pahlevi. Foi dessa língua que essa coletânea foi traduzida ao aramaico em 570 d.C. e o tradutor, um monge, adotou o nome das primeiras personagens fabulísticas como nome da coletânea e as chamou de “**qalilagh w damenagh aw mathle debadpai**” (calilagh e dámenagh ou as fábulas de Badpai). Segundo esse monge cristão, Badpai era o nome do sacerdote que contou as fábulas ao seu rei. Nesse aspecto, em aramaico, o monge cristão cujo nome era Bod, chamava aquele sacerdote de “mago” (em aramaico: **megūxo**).

Como o aramaico era a “*língua franca*” ou seja, a língua internacional, dela, a coletânea passou para

muitos outros idiomas e em 750 d.C., aproximadamente 200 anos depois, um sábio persa convertido ao islamismo, traduziu do aramaico ao árabe. Era ele Abdálla Íben al Muqáfia que chamou seu livro de “*kalíla wa dímná*” (o idioma árabe não possui as vogais “o” e “e”, também não possui a consoante “p” e por isso o nome “Badpai” acabou como: “Baidaba”.) e o aspecto interessante é que em sua tradução, Íben Muqáfia chama, em árabe, o sacerdote de “**barhamá**” ou seja “brâmane” e diz “*baidába wahwa ráss ulbaráhima*” ou seja: “Báidaba que era o chefe dos brâmanes”. No século XIII aparecem as traduções em latim e outras línguas européias.

Voltando à história, deve ser observado que a versão mais antiga que sobrou no mundo é a versão em nossa língua aramaica (até hoje ainda não se encontrou qualquer versão antiga em sânscrito). Há quem diga que o monge conhecido por “**Bod**”, o tradutor original do pahlevi ao aramaico, não traduziu mas foi ele que reuniu as fábulas e as escreveu diretamente em aramaico e portanto, nunca existiu uma versão escrita em sânscrito ou pahlevi; afinal, o nome “**Bod**” é uma corruptela do aramaico “*ábod / áabodo*” que em aramaico significa “monge”. Se o monge traduziu ou coletou e escreveu diretamente em aramaico, o certo é que os

animais das fábulas eram animais comuns nas selvas da Ásia Central e do Leste da Ásia, tal como os jacais que deram nome ao livro (“qalilagh” e “damenagh” eram dois jacais machos) ou o macaco ou ainda o elefante porém raramente vistos na Ásia Ocidental e no Oriente Médio.

Diversos professores ocidentais, entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX publicaram as fábulas em aramaico, como Gustav Bickell (publicou em 1876) e Friedrich Schulthess (publicou em 1911).

Vejamos um exemplo extraído do livro: **KALILA UND DIMNA** de Friedrich Schulthess.

E Qalilagh disse: pois o touro não somente é forte como também sábio e tu o que podes fazer? E Damenagh disse: mesmo que ele tenha conhecimento no entanto mais do que eu ele não tem e ao leão ele teme e é inferiorizado aos seus olhos e pois agora eu zombo dele tal como aquela lebre que em sua pequenez matou o leão. E Qalilagh disse: como foi essa estória? E disse Damenagh:

Havia uma floresta e pasto e irrigação (=água) havia nela e habitava lá um leão e os animais dessa planície tinham pasto e água. E por medo do leão sofriam e dele pediram graça e disseram; tu com trabalho excessivo capturas os animais para comeres e se fizeres que não vos temam os animais nós te enviaremos todos os dias um animal. E o leão rejubilou e fez com eles um trato. Assim os animais, a cada dia, sobre quem recaísse a sorte enviavam-no a ele. E chegou o dia que a sorte recaiu sobre a lebre e disse ela aos animais: e se assim fizerdes quando eu for embora, não me sigam pelo caminho

pois me atrasarei um pouco, farei por salvar-me e ao leão matarei. E assim faço para vós sem medo. E então enviaram-na e ela caminhou sossegadamente. E quando chegou o tempo de o leão comer e não encontrou um animal, irou-se e levantou-se para vir e olhou e viu a lebre que vinha sozinha. E quando ela chegou perguntou-lhe: donde vens e aonde vais? Disse-lhe ela: uma lebre te enviaram os animais e a mim enviaram com ela para a trazer para ti até aqui e após pouco havia um leão e quando ela lá chegou, tomou ele a lebre e então eu lhe disse: essa lebre é enviada ao leão e ele te xingou e te maldisse. Então eu vim para mostrá-lo a ti. E disse-lhe o leão: vem e mostra-me aquele leão. E ela foi e lhe mostrou um poço de águas límpidas. E disse ela: ele está aqui. E aproximaram-se os dois para olharem o poço. E foram vistos seus reflexos nas águas e disse-lhe ela: eis o leão e eis a lebre que ele tomou. E quando ele viu seu reflexo pensou que fosse realidade e cobriu-se de raiva, e como se com ele estivesse lutando caiu no poço e se afogou.

(Na tradução, tentamos ater-nos à redação original em aramaico para que o leitor pudesse perceber a diferença que há entre o estilo de uma composição em aramaico e outra em português; observemos que em aramaico é muito comum o uso da conjunção “e” iniciando as orações até mesmo após pontuação, diferentemente do português nesses casos)

Ao final da edição encontra-se o mesmo conto em aramaico.

Notícias do Oriente

Os leitores de **Suryoye** já devem ter percebido que esse informe não toma qualquer partido em questões políticas nacionais ou internacionais. A única preocupação de **Suryoye** é a divulgação da Cultura Oriental que entrou no Cristianismo de Antioquia e a propagação desse cristianismo. Ocorre contudo que algumas notícias deixam uma apreensão que beira a angústia e esse é um desses momentos. Vemos por todo o Oriente Médio uma explosão de revoluções que a grande imprensa do Ocidente insiste em chamar de abertura democrática porém, desde o início, os analistas sabem que é apenas uma nova roupagem de fanatismo religioso apoiado por civis, militares e clérigos fanáticos que estão tentando eliminar qualquer vestígio de cristianismo naquelas terras, naquele mesmo Oriente onde nasceu e evoluiu o Cristianismo.

Notícias vindas da Síria informam que os fanáticos islamitas dinamitaram diversas igrejas cristãs, entre elas um marco do cristianismo, a **Igreja do Cinturão Santo** (em aramaico: **îto dyoldath aloho dzunoro**), em Homs. Nessa igreja foi encontrado (confirmação de arqueólogos) e lá estava depositado o **cinturão** usado pela **Virgem Maria**, mãe de Deus. Ainda não temos informações se o bispo da Igreja conseguiu salvar essa importante relíquia. A **Igreja do Cinturão Santo** pertence à **Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia**.

RITUALÍSTICA — VII

O último estudo que publicamos de ritualística foi a parte VI no número 53 de Suryoye. Nesta edição vamos retomar o tema do nr. 49.

Além de o altar-mor direcionar o sacerdote ao Oriente, especificamente ao local onde, acreditamos, era o Paraíso do Éden, aquele que Deus criou para o ser humano e para onde esperamos retornar, o restante da construção da igreja, segundo as tradições da Igreja de Antioquia seguem um esquema que complementa o conjunto arquitetônico para o fim ritualístico.

O templo é dividido em forma de cruz. Na ponta menor localiza-se o altar-mor. Nas duas laterais, localizam-se os altares auxiliares ou menores. Um deles é sempre dedicado ao santo patrono daquela igreja e localiza-se à direita de quem olha de frente o altar-mor. O outro altar-menor, em geral é dedicado à Virgem Maria. Quando a Santa Virgem Mãe de Deus é a patrona da igreja então o altar-menor da esquerda é dedicado ao santo da região.

O povo permanece sempre atrás do sacerdote e também direcionando seu olhar para o Oriente.

Ninguém deve atravessar na frente do altar-mor pois seria falta de respeito o fiel desviar a sua atenção do ritual da oferenda que é o Corpo e o Sangue de Cristo e ninguém deve contribuir para essa falta de respeito. Se algum diácono precisar passar de um lado para outro do altar ele se utilizará da parte que fica atrás do altar-mor ou, se essa não existir, então deverá dar a volta por toda a igreja até atingir o outro lado. Somente o diácono que tem o turíbulo na mão ou o sacerdote é que fazem uso da frente do altar-mor. As exceções são:

- 1) quando os diáconos se alternam com o diácono que incensa o altar para cantarem os dípticos (o diácono que incensa dá lugar a cinco diáconos e cada um vem do seu lado para o centro, posicionando-se atrás do sacerdote; quando termina seu díptico deverá retornar para o lado do qual veio; o último díptico que homenageia todos os finados deve ser cantado pelo diácono que incensa e depois que ele termina ele permanece onde está, ou seja, não retorna para o lado do altar);
- 2) quando houver alguma cerimônia especial, tal como batismo, casamento ou exéquias de sacerdote ou diácono ou ainda lavapés e outras cerimônias;
- 3) quando houver procissões e como a procissão sempre acaba na frente do altar com o sacerdote cantando "**hau demalakhe**" que é uma variação de "**qadixát aloho**", os diáconos que sustentam os candelabros acompanham o sacerdote no seu movimento e por isso podem atravessar na frente do altar. Já os outros diáconos que tocam os outros instrumentos portáteis de percussão (os leques musicais; chamam-se em aramaico: **maruahotho**, os címbalos ou **dsídsle**, os sinos pequenos ou **zagúne** etc) e os instrumentos de sopro (as flautas ou **maxrúqiotho**), junto com os demais diáconos, formam duas filas (fila indiana), cada qual de um lado, sempre voltados ao altar-mor e tocam seus instrumentos e respondem ao sacerdote o canto antifônico "**hau demalakhe**", permanecendo embaixo, no nível do povo e quando acabam, cada fila dirige-se ao seu lado, sem atravessar na frente do altar-mor.

Ainda olhando a arquitetura da igreja, dois pontos chamam a atenção:

- 1) entre o altar-mor e os altares-menores, sempre existe uma passagem; em geral há um arco sobre as passagens e com isso é possível aos diáconos e sacerdotes movimentarem-se entre o altar-mor, os altares-menores e dali saírem para a sacristia ou mesmo descerem entre o povo se isso for necessário.
- 2) como toda a cerimônia é cantada (e isso vale para todas as cerimônias), desde longa data, o altar-mor não "olha" para uma parede retangular. Em geral essa parede que está de frente ao altar-mor é abaulada (côncava) e com isso nossos antepassados conseguiram o efeito de uma concha acústica, ou seja, o som é amplificado naturalmente. Dessa forma, como o povo, os diáconos e o sacerdote posicionam-se olhando o centro do altar, suas vozes, ao cantarem, são naturalmente amplificadas, dispensando-se o uso de amplificadores elétricos.

Nalgumas igrejas ainda havia uma sacada onde um coral completo se posicionava (isso, nos tempos anteriores às invasões islâmicas, mongóis, tártaras, turcomanas e outras). Essa sacada ficava atrás do povo num nível bem mais alto que o povo, olhando para a concha acústica e quando cantava suas vozes ressoavam acima de todos obtendo-se, junto com o povo e os diáconos, um efeito espacial que a eletrônica somente conseguiu reproduzir no século passado (século XX) através da quadrifonia.

